ISSN: 2358-8829

O ENSINO DE SOCIOLOGIA E O CÂNONE FEMININO NA SOCIOLOGIA: HARRIET MARTINEAU, MARIANNE WEBER E LEOLINDA DALTRO

[1]Maria Adriana Farias Rodrigues

INTRODUÇÃO

A Sociologia, enquanto ciência dedicada à compreensão das relações sociais, das instituições, das desigualdades e das transformações históricas, constitui um importante instrumento para a formação crítica dos indivíduos. No contexto educacional, seu ensino possibilita que os estudantes compreendam a sociedade para além das explicações fundamentadas no senso comum, desenvolvendo capacidades de análise, reflexão e questionamento acerca dos fenômenos sociais. Entretanto, a própria construção histórica do conhecimento sociológico apresenta contradições que precisam ser problematizadas, especialmente no que se refere à visibilidade e ao reconhecimento das mulheres que contribuíram para a consolidação dessa ciência.

Tradicionalmente, a história da Sociologia tem sido apresentada a partir de um conjunto de pensadores predominantemente masculinos, entre os quais se destacam Auguste Comte, Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. Embora esses autores tenham desenvolvido contribuições fundamentais para a compreensão da sociedade moderna, a centralidade atribuída às suas obras contribuiu para a construção de uma narrativa limitada sobre a formação do pensamento sociológico. Nesse processo, mulheres que participaram ativamente da elaboração de teorias, métodos e interpretações da realidade social receberam menor reconhecimento institucional, permanecendo, muitas vezes, ausentes dos conteúdos escolares e dos materiais didáticos.

A construção desse cânone masculino não deve ser compreendida apenas como resultado da relevância intelectual dos autores consagrados, mas também como consequência das relações históricas de poder que influenciaram a produção, a circulação e a legitimação do conhecimento científico. Ao longo da história, as mulheres enfrentaram restrições de acesso às universidades, às instituições de pesquisa, aos espaços de publicação e às organizações políticas. Essas limitações contribuíram para a invisibilização de suas produções intelectuais,

[1] Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

mesmo quando suas reflexões abordavam questões fundamentais para o desenvolvimento das Ciências Sociais.

Nesse contexto, torna-se necessário ampliar as discussões sobre o cânone sociológico, reconhecendo a participação das mulheres na construção do pensamento social e considerando a importância de diferentes experiências históricas para a compreensão das relações sociais. A valorização dessas contribuições não representa a substituição dos autores clássicos, mas a ampliação das perspectivas teóricas e metodológicas que orientam o ensino de Sociologia, possibilitando uma compreensão mais abrangente da própria história dessa ciência.

Entre as intelectuais que permitem problematizar essa construção histórica, destacam-se Harriet Martineau (1802-1876), Marianne Weber (1870-1954) e Leolinda Daltro (1859-1935). Embora tenham desenvolvido suas atividades em contextos históricos e sociais distintos, essas mulheres contribuíram, a partir de suas trajetórias intelectuais e políticas, para a compreensão das desigualdades, das relações de poder, das condições sociais das mulheres e das possibilidades de transformação da sociedade.

Diante dessas considerações, este artigo tem como objetivo apresentar as contribuições de Harriet Martineau, Marianne Weber e Leolinda Daltro para a construção da análise social, estabelecendo paralelos críticos acerca da constituição do cânone sociológico, historicamente marcado pela predominância da produção intelectual masculina. Busca-se, portanto, evidenciar a relevância dessas intelectuais para o pensamento social e problematizar os processos históricos de invisibilização das mulheres na construção e no ensino da Sociologia.

1. MARIANNE WEBER: NOTAS INTRODUTÓRIAS

Marianne Schnitger Weber (1870-1954) foi uma intelectual, escritora, socióloga e importante defensora dos direitos das mulheres na Alemanha. Nascida em Oerlinghausen, estabeleceu uma trajetória intelectual própria, embora frequentemente apresentada na história da Sociologia apenas como esposa de Max Weber, com quem se casou em 1893. Nesse sentido, Neto (2022) demonstra que sua figura foi, por diversas vezes, reduzida à relação conjugal com Max Weber, sem que sua importância intelectual e suas contribuições para o pensamento social fossem devidamente reconhecidas. Durante sua trajetória, Marianne desenvolveu estudos e participou ativamente do movimento de mulheres alemão, aprofundando seus interesses pela compreensão das relações sociais e pelas discussões feministas. Sua trajetória evidencia, portanto, como a produção intelectual feminina foi historicamente colocada em segundo plano, mesmo quando suas autoras desempenharam papéis importantes na construção do conhecimento sociológico (Santos, 2024).

ISSN: 2358-8829

No início do século XX, Marianne Weber fundou seu próprio Círculo de Estudos, espaço de discussão e circulação de ideias que reuniu importantes intelectuais alemães, além de mulheres vinculadas ao movimento feminista. Também participou da organização de iniciativas voltadas à ampliação do acesso das mulheres à educação e à formação universitária. Sua atuação ultrapassou o ambiente intelectual: em 1919, assumiu a presidência da Liga das Associações Alemãs de Mulheres (Bund Deutscher Frauenvereine) e foi eleita para a Assembleia Constituinte de Baden, tornando-se uma importante representante das mulheres nos espaços institucionais e políticos da Alemanha (Santos, 2024).

Entre suas principais produções intelectuais, destaca-se Ehefrau und Mutter in der Rechtsentwicklung (1907), obra na qual discute a condição jurídica da esposa e da mãe, problematizando as desigualdades presentes nas relações matrimoniais e familiares. Outra publicação importante é Frauenfragen und Frauengedanken (1919), coletânea de ensaios que reúne reflexões sobre a participação das mulheres na ciência, no trabalho, na política, na educação e na sociedade. Também merece destaque Beruf und Ehe (1906), no qual aborda as relações entre profissão e casamento, e Die Frau und die objektive Kultur (1913), texto em que desenvolve uma discussão crítica sobre a participação feminina na construção da cultura moderna. Suas reflexões demonstram que a condição das mulheres não poderia ser compreendida sem considerar as desigualdades institucionais e as relações de poder que atravessavam diferentes dimensões da vida social.

As contribuições de Marianne Weber permitem ampliar a compreensão da teoria social clássica, especialmente pela incorporação das relações de gênero como dimensão fundamental para a análise da modernidade. Conforme Santos (2024), sua produção intelectual evidencia a necessidade de uma Sociologia polifônica, isto é, uma perspectiva que reconheça a pluralidade de vozes e experiências na construção do conhecimento sociológico. Nesse sentido, sua trajetória permite questionar uma tradição acadêmica que, durante muito tempo, privilegiou a produção masculina como referência central para o estudo da sociedade. Afinal, qual lugar as relações de gênero ocupam nos textos considerados clássicos da Sociologia? A recuperação de autoras como Marianne Weber torna-se, portanto, fundamental para problematizar as lacunas presentes nesse

ISSN: 2358-8829

cânone e reconhecer que as mulheres também participaram ativamente da elaboração de interpretações sobre a sociedade, suas instituições e suas transformações.

2. HARRIET MARTINEAU: NOTAS INTRODUTÓRIAS À CIÊNCIA DA MORAL

Harriet Martineau (1802-1876) foi uma escritora, intelectual e pioneira da Sociologia britânica, cuja produção contribuiu significativamente para o desenvolvimento das primeiras sistematizações metodológicas das Ciências Sociais. Nascida em Norwich, na Inglaterra, integrou uma família vinculada ao unitarismo religioso, que valorizava a educação e a formação intelectual das mulheres. Embora tenha enfrentado limitações de acesso à educação formal e problemas de saúde, entre eles a perda parcial da audição ainda na infância, Martineau construiu uma trajetória intelectual marcada pela escrita, pela investigação social e pela participação nos debates políticos de seu período. Ao longo de sua carreira, tornou-se uma escritora profissional, produzindo análises sobre economia política, instituições sociais, desigualdades, escravidão e direitos das mulheres (Daflon; Tavares, 2025).

Entre suas principais produções, destaca-se *Illustrations of Political Economy* (1832-1834), coleção composta por 25 volumes, na qual utilizava narrativas para tornar acessíveis discussões sobre economia política. Outra obra fundamental é *Society in America* (1837), resultado de sua experiência de observação da sociedade estadunidense, na qual analisou instituições políticas, escravidão, liberdade e a condição social das mulheres. Em 1834, Martineau iniciou uma viagem pelos Estados Unidos, que durou aproximadamente dois anos e possibilitou o desenvolvimento de suas reflexões sobre a investigação das sociedades. Posteriormente, publicou *Retrospect of Western Travel* (1838) e *How to Observe: Morals and Manners* (1838). Além disso, traduziu e elaborou uma versão sintética do *Curso de Filosofia Positiva*, de Auguste Comte, publicada em inglês em 1853, demonstrando sua interlocução com os debates científicos de seu tempo (Campos; Daflon, 2022).

Em *How to Observe: Morals and Manners* (1838), traduzido como *Como observar a moral e os costumes*, Harriet Martineau apresenta uma das primeiras sistematizações metodológicas para a investigação científica da sociedade. A autora compreendia que os costumes, as virtudes e os julgamentos morais não deveriam ser tratados como características naturais ou universais dos indivíduos, mas analisados a partir das condições sociais, das instituições e das práticas coletivas. Nessa perspectiva, a moral corresponde às concepções compartilhadas sobre os comportamentos considerados permitidos ou proibidos, enquanto os costumes dizem respeito aos padrões de ação e associação presentes na vida social. Para

ISSN: 2358-8829

investigar essas dimensões, Martineau propunha um método de observação sistemática, fundamentado na imparcialidade, na organização dos dados, na construção de referenciais teóricos e na capacidade de compreender as experiências dos sujeitos pesquisados. A observação deveria partir de elementos concretos da realidade, como documentos, leis, registros públicos, instituições, práticas religiosas e relações familiares, evitando interpretações superficiais e julgamentos antecipados (Martineau, 1838; Campos; Daflon, 2022).

Conforme Daflon e Tavares (2025), a proposta de Martineau para uma ciência da moral estava fundamentada no equilíbrio entre razão e sentimento, evidenciando uma compreensão particular sobre a produção do conhecimento sociológico. Embora tenha dialogado com as concepções científicas de seu período e com autores associados ao positivismo, sua abordagem não pode ser reduzida à simples reprodução dos métodos das Ciências Naturais. A autora reconhecia as especificidades da investigação social, considerando a importância da reflexividade, da empatia e da compreensão das experiências humanas. Suas contribuições representam, portanto, um marco para a história da Sociologia, especialmente pela sistematização de procedimentos de pesquisa e pela análise das desigualdades sociais, da escravidão e da condição feminina. Entretanto, apesar de sua produção intelectual e de seu reconhecimento ainda em vida, Martineau permaneceu afastada das narrativas tradicionais sobre a formação da Sociologia, evidenciando os processos históricos de invisibilização das mulheres na constituição do cânone científico.

3. LEOLINDA DALTRO E O FEMINISMO PÁTRIO

Leolinda Figueiredo Daltro (1859-1935) foi uma educadora, intelectual e ativista brasileira que se destacou pela atuação em defesa da educação dos povos indígenas e dos direitos políticos das mulheres. Nascida em Nagé, na Bahia, construiu uma trajetória marcada pela ocupação de espaços políticos e pela contestação das desigualdades sociais de seu período. Em 1896, teve contato com a situação enfrentada pelos povos indígenas Xerente, originários da região de Goiás, que vivenciavam processos de invasão e expropriação de seus territórios em decorrência do avanço da colonização. Naquele contexto, representantes indígenas buscaram reivindicar seus direitos junto ao presidente da República, Prudente de Morais, apresentando solicitações relacionadas ao acesso a roupas, ferramentas e, sobretudo, denunciando as invasões de suas terras. Leolinda tomou conhecimento dessas reivindicações por meio da imprensa e passou a se envolver com a situação dos povos Xerente, iniciando uma trajetória de atuação voltada à educação indígena.

ISSN: 2358-8829

Diante dessa realidade, Leolinda propôs um projeto de educação que se diferenciava das práticas tradicionais de catequização religiosa conduzidas pelos jesuítas. Sua proposta estava fundamentada na alfabetização e na oferta de conhecimentos considerados necessários à participação dos indígenas na sociedade brasileira. Essas experiências foram posteriormente registradas na obra “Da catechese dos índios no Brasil: notícias e documentos para a história (1896-1911)”, na qual a autora reuniu relatos, documentos e registros de sua atuação. Segundo Gregório (2008), Leolinda não se limitava ao ensino de conhecimentos propedêuticos, mas também defendia a ampliação das possibilidades de participação dos indígenas na vida pública, incluindo o acesso à cidadania e ao exercício do voto. As fotografias presentes em sua obra também constituem registros importantes dessa experiência, pois apresentam indígenas utilizando vestimentas associadas aos padrões de civilidade daquele período, mas também portando objetos e utensílios relacionados às suas práticas culturais. Esses elementos permitem problematizar as características de seu projeto educacional, que buscava ampliar o acesso à educação e à cidadania sem necessariamente propor a eliminação de todas as referências culturais indígenas. Entretanto, é importante considerar que sua proposta também estava atravessada pelas concepções de integração e civilização próprias do contexto histórico em que foi desenvolvida.

No campo da atuação feminista, Leolinda Daltro também desempenhou um papel importante na luta pelos direitos políticos das mulheres brasileiras. O artigo “Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo "pátrio" de Leolinda Figueiredo Daltro”, de Karawejczyk (2014), apresenta aspectos importantes de sua trajetória e estabelece comparações entre suas estratégias de atuação e as de Bertha Lutz. Segundo a autora, uma das particularidades de Leolinda estava nas formas de ocupação dos espaços públicos e políticos, uma vez que sua atuação era marcada pela participação em manifestações, eventos políticos e mobilizações coletivas, reivindicando, juntamente com outras mulheres, o reconhecimento de seus direitos. Em comparação, Bertha Lutz possuía maior facilidade de acesso a determinados espaços institucionais e políticos, em razão de sua posição social, de suas relações familiares e de sua circulação em ambientes cosmopolitas. Essa distinção permite compreender que o movimento sufragista brasileiro não foi constituído por uma única estratégia de mobilização, mas por diferentes experiências, condições sociais e formas de reivindicação política.

Em 1910, Leolinda Daltro e Gilka Machado fundaram o Partido Republicano Feminino (PRF), uma importante organização política para a história do movimento feminista brasileiro. Entre suas principais reivindicações estavam a integração igualitária das mulheres à sociedade, a ampliação do acesso à educação, a reforma das legislações que sustentavam desigualdades de

ISSN: 2358-8829

gênero e o reconhecimento da participação feminina no desenvolvimento econômico, político e social do país. A criação do partido representou uma iniciativa importante de organização coletiva, pois buscava ultrapassar as reivindicações individuais e inserir as mulheres diretamente nos debates sobre os rumos da sociedade brasileira. Nesse sentido, a atuação de Leolinda demonstra que as reivindicações feministas também estavam relacionadas à disputa pelos espaços de representação política e à construção de novas possibilidades de participação cidadã.

As contribuições de Leolinda Daltro permitem ampliar as discussões sobre a formação do pensamento social brasileiro, especialmente quando se considera a relação entre educação, cidadania, direitos indígenas e emancipação feminina. Sua trajetória evidencia que a produção de interpretações sobre a sociedade não esteve restrita aos espaços acadêmicos tradicionalmente reconhecidos, sendo também construída por mulheres que atuaram diretamente nas disputas políticas e educacionais de seu tempo. Assim, sua presença neste debate possibilita problematizar não apenas a predominância masculina na constituição do cânone sociológico, mas também os processos históricos de invisibilização das mulheres que produziram conhecimentos e desenvolveram práticas fundamentais para a compreensão das desigualdades sociais no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão desenvolvida neste artigo permite compreender que a história da Sociologia não pode ser analisada sem considerar as relações de poder que atravessaram a produção, a circulação e a legitimação do conhecimento científico. Tradicionalmente, a constituição do cânone sociológico foi apresentada a partir de um conjunto de autores predominantemente masculinos, contribuindo para a invisibilização de mulheres que também produziram interpretações, métodos e conhecimentos fundamentais para a compreensão da realidade social. Nesse sentido, recuperar as contribuições de Harriet Martineau, Marianne Weber e Leolinda Daltro representa um movimento de ampliação das narrativas sobre a construção do pensamento social, reconhecendo a participação feminina na produção intelectual e nas transformações históricas.

As trajetórias dessas três intelectuais demonstram diferentes possibilidades de contribuição para a análise da sociedade. Harriet Martineau destacou-se pela sistematização de procedimentos metodológicos para a observação social, além de suas reflexões sobre moral, costumes, escravidão e condição feminina. Marianne Weber, por sua vez, desenvolveu discussões fundamentais sobre as relações de gênero, o casamento, a família e a participação

das mulheres na sociedade moderna, contribuindo para ampliar as perspectivas da teoria social clássica. Leolinda Daltro, no contexto brasileiro, articulou educação, cidadania, direitos indígenas e participação política feminina, demonstrando que a produção do pensamento social também se desenvolveu por meio de experiências de mobilização e atuação política.

Apesar das diferenças entre seus contextos históricos, campos de atuação e perspectivas intelectuais, as três autoras apresentam um aspecto em comum: suas contribuições não receberam, historicamente, o mesmo reconhecimento atribuído aos pensadores masculinos consagrados. Essa constatação permite problematizar a construção do cânone sociológico, compreendendo que a seleção dos autores considerados clássicos não é resultado de um processo neutro, mas também está relacionada às condições históricas de acesso aos espaços acadêmicos, à circulação das obras e à legitimação institucional do conhecimento. Portanto, ampliar esse cânone não significa desconsiderar as contribuições dos autores tradicionalmente estudados, mas reconhecer que a própria história da Sociologia precisa ser revisitada a partir de outras experiências, trajetórias e produções intelectuais.

Por fim, considera-se que a incorporação dessas autoras às discussões sociológicas representa uma possibilidade de construção de um ensino mais plural, crítico e comprometido com a diversidade de experiências que constituem a sociedade. A presença de Harriet Martineau, Marianne Weber e Leolinda Daltro nos debates acadêmicos e nos materiais didáticos permite questionar as ausências historicamente naturalizadas e ampliar as referências utilizadas na formação sociológica. Mais do que recuperar nomes que permaneceram à margem das narrativas tradicionais, trata-se de reconhecer que as mulheres também foram produtoras de conhecimento e participantes ativas da construção das Ciências Sociais. Assim, discutir outras vozes e outras trajetórias constitui um caminho necessário para compreender criticamente a formação do pensamento sociológico e os processos históricos que determinaram quais conhecimentos seriam reconhecidos como legítimos.

REFERENCIAS

CAMPOS, Luna Ribeiro; DAFLON, Verônica Toste. Harriet Martineau. In: DAFLON, Verônica Toste; CAMPOS, Luna Ribeiro (org.). **Pioneiras da Sociologia: mulheres intelectuais nos séculos XVIII e XIX**. Niterói: Eduff, 2022a. p. 75-94.

CAMPOS, Luna Ribeiro; DAFLON, Verônica Toste. Harriet Martineau: circulação e influência no debate público na primeira metade do século XIX. **Sociologias,** Porto Alegre, v. 24, n. 61, p. 86-115, set./dez. 2022b. DOI: https://doi.org/10.1590/18070337-125394.

DAFLON, Verônica Toste; TAVARES, Bruna Raposo. Razão e sentimento: as origens da ciência da moral de Harriet Martineau (1802-1876). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 40, e40007, 2025. DOI: https://doi.org/10.1590/40007/2025.

DALTRO, Leolinda. *Da catechese dos índios no Brasil: notícias e documentos para a história (1896-1911)*. Rio de Janeiro: Typ. da Escola Orsina da Fonseca, 1920.

GRIGÓRIO, Patrícia Costa. Leolinda Daltro e o projeto de catequese dos índios no Brasil. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH-RIO: IDENTIDADES, 13., 2008, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: ANPUH-Rio, 2008. Disponível em: https://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1214689916_ARQUIVO_leolinda_projeto_catequese_pgrigorio%5B1%5D.pdf. Acesso em: 10 nov. 2026.

KARAWEJCZYK, Mônica. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo "pátrio" de Leolinda Figueiredo Daltro. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 64-84, 2014. DOI: https://doi.org/10.15448/1980-864X.2014.1.15391.

MARTINEAU, Harriet. **How to Observe: Morals and Manners.** London: Charles Knight and Co., 1838.

MARTINEAU, Harriet. Como observar moral e costumes: requisitos filosóficos. Tradução de Fábio Guimarães Liberal. *CAOS:* **Revista Eletrônica de Ciências Sociais,** João Pessoa, n. 24, p. 255-274, jan./jun. 2020. DOI: https://doi.org/10.46906/caos.n24.52437.p255-274.

SANTOS, Patrícia da Silva. Outros gêneros, outras modernidades: contribuições de Marianne Weber para uma teoria social clássica generificada. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, e230035, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/2238-38752024V1417.

SANTOS, Paulete Maria Cunha dos. Leolinda Daltro: sua dupla viagem ao encontro dos povos indígenas no Brasil central (1896-1900). *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 49, p. 217-239, jan./abr. 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/2237-101X02304909.

SARAIVA DE OLIVEIRA NETO, Edival. (Re)pensar a história: as mulheres e a construção de um saber sociológico**. Revista Gênero e Interdisciplinaridade**, v. 3, n. 3, p. 83-100, 2022. DOI: https://doi.org/10.51249/gei.v3i03.768.

VIEIRA, Giulle. Marianne Weber. In: DAFLON, Verônica Toste; CAMPOS, Luna Ribeiro (org.). **Pioneiras da Sociologia: mulheres intelectuais nos séculos XVIII e XIX**. Niterói: Eduff, 2022. p. 237-256.